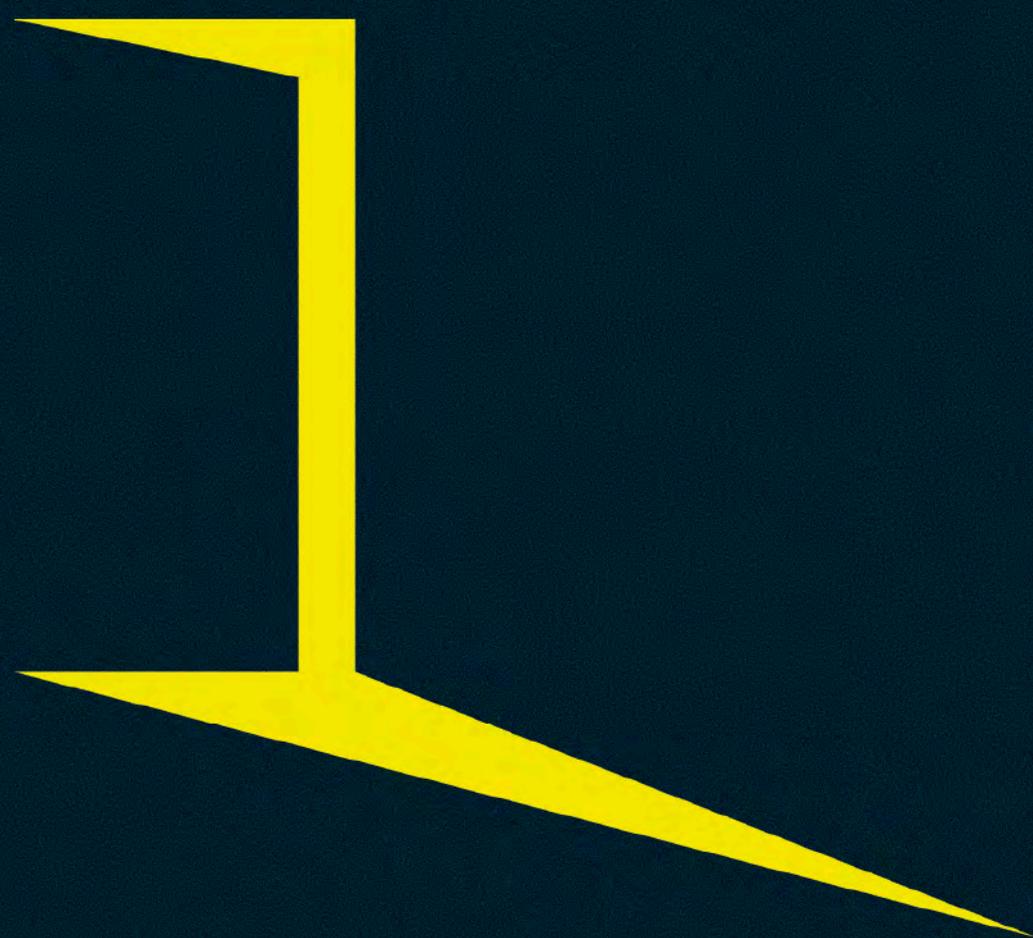


Nancy Leigh DeMoss

Resco-
lhendo
o per-
dão

Sua jornada para a liberdade



Conhecer Nancy Leigh DeMoss é uma bênção. É também uma imensa alegria poder recomendar seu tão necessário livro acerca do perdão. Em *Escolhendo o perdão*, você encontrará histórias do coração de Nancy e descobrirá que ela, de fato, sabe identificar e compreende a dor de um cristão ferido. Nesse livro, você também descobrirá que as Escrituras podem nos ajudar a perdoar uns aos outros, assim como Deus, em Cristo, nos perdoou.

ELIZABETH GEORGE, professora, palestrante e autora de *Uma mulher segundo o coração de Deus* (United Press)

Nesse livro, do início ao fim, você encontrará a força espiritual necessária para perdoar ou ser perdoado.

DAVID JEREMIAH, pastor titular da igreja Shadow Community Church, na Califórnia, e autor de *Motivo de grande alegria* (Vida)

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
<i>Agradecimentos</i>	11
Introdução	15
1. Sobreviventes feridos	25
2. O que acontece quando nos recusamos a perdoar	41
3. A promessa do perdão	63
4. Perdoar por Jesus	79
5. A arte de perdoar	95
6. Com raiva de Deus	113
7. O que é e não é o verdadeiro perdão	131
8. Retribuir com uma bênção	149
Posfácio: O poder do perdão	163
Guia de estudo para grupos pequenos	171

PREFÁCIO

Ao longo de muitos anos no ministério pastoral, tenho visto como um espírito rancoroso causa destruição e enfermidade. É impossível superestimar quanto nossa recusa em perdoar faz mal às emoções, ao espírito e ao corpo.

Alguém definiu rancor como acúmulo de raiva não expressa. Por ser negado, costuma passar despercebido enquanto cresce e ganha força, como um tumor invisível. O esforço para manter nossas mágoas fora do alcance da memória consciente é semelhante a tentar manter uma bola de praia inflada debaixo da água. Qualquer mudança de pressão, por menor que seja, faz a bola vir à tona.

Psicólogos observam que o cultivo das ervas daninhas da amargura e do rancor tem um custo alto. Quando escolhemos nos apegar a nossos ressentimentos, abrimos mão do controle sobre o futuro. Trocamos o ar revigorante de um novo dia, com todo seu potencial, pela dor do passado. Com frequência, desperdiçamos preciosa energia mental e espiritual remoendo lembranças de alguém que talvez esteja distante e inteiramente alheio a nossos pensamentos, ou que talvez não tenha a mínima consciência do ocorrido e que, sem dúvida, não é afetado de maneira alguma por nossos pensamentos e nossas ações.

Assim que ler o título deste livro, porém, você terá assimilado a verdade mais importante acerca do perdão: ele é uma escolha! Nancy Leigh DeMoss deixa bem claro que cada um de nós tem a capacidade de perdoar e de ser perdoado.

Em histórias da vida real somos capazes de perceber a alegria do perdão e a amargura do ressentimento prolongado. Cada capítulo

convida o leitor a experimentar a dinâmica espiritual e emocional do perdão.

Este é um livro interativo, que faz perguntas importantes. Em vários momentos, a autora apresenta avaliações que o ajudarão a identificar seu progresso no ciclo do perdão. A meu ver, são questionamentos práticos, profundos e reveladores.

Ainda que seja uma excelente autora, Nancy Leigh DeMoss em primeiro lugar é professora da Bíblia. Como se espera de um livro com o nome dela na capa, esta é uma obra repleta de exposições das Escrituras. Não consigo pensar em nenhuma passagem importante sobre perdão que ela tenha deixado de fora. Cada texto é estudado de modo sistemático e prático a fim de que a mensagem do perdão seja claramente compreendida.

Escolhendo o perdão não traz os chavões que aparecem com tanta frequência em livros sobre esse tema. Não há fórmulas nem respostas simples. Mas, se está à procura da realidade e da beleza do perdão bíblico, você os encontrará aqui.

O modo de Nancy tratar da questão de “perdoar a si mesmo” é a melhor análise a esse respeito que já li até hoje. Se você está entre os muitos que creem na possibilidade de ser perdoados por Deus, mas que não perdoam a si mesmos, este livro o libertará dessa escravidão.

Quer você precise perdoar, quer precise ser perdoado, encontrará nestas páginas a força espiritual necessária.

DAVID JEREMIAH,
pastor titular da igreja
Shadow Mountain Community Church
e presidente de Turning Point Ministries

INTRODUÇÃO

Ser perdoado é tamanha doçura, que torna insípido o mel. Existe, porém, algo ainda mais doce: perdoar.

C. H. SPURGEON

Regina Hockett estava na fila do caixa no supermercado, concluindo mais uma tarefa de rotina em um dia corriqueiro. De repente, começou a perceber uma inquietação ao seu redor, vozes e movimentação fora do normal. Sentiu as primeiras ondas de sobressalto e adrenalina que surgem quando alguém se vê em perigo.

Instintivamente, verificou se sua filha, Adriane, estava ao seu lado no lugar onde, pouco antes, havia pedido à mãe uma moeda para usar na máquina de vender doces.

Não encontrou Adriane.

Logo depois de pedir o trocado, a menina havia se lembrado de onde a mãe guardava moedas no carro. Tinha ido até o estacionamento, aberto o porta-luvas do carro para pegar uma moeda e se encaminhado de volta para a entrada do supermercado a fim de comprar o doce.

Naquele instante, enquanto o sol poente de outubro tingia o horizonte de tons avermelhados, um único tiro de fuzil soou pelo estacionamento. Seguiu-se pânico geral.

A essa altura, dentro do supermercado, Regina percorria os corredores e as filas dos caixas, chamando Adriane, procurando-a com olhar atento. “Ela estava bem aqui! Onde foi parar?” Por fim,

correndo para fora, passando por outros que também se apressavam para sair, viu uma menina caída no asfalto; os sapatos de aspecto conhecido brilhavam sob a luz dos postes da rua.

Era Adriane. Estava morta.

Mas por quê?

Passaram-se três longos anos até que a resposta para essa pergunta começasse a se formar, três aniversários cheios de lágrimas, em que Regina se perguntou quem havia feito isso e onde estava escondido.

Com o tempo, os fatos vieram à tona. Dois adolescentes de uma gangue tinham saído naquele final de tarde para “criar fama” para seu grupo rebelde. Enquanto passavam de carro na frente do estacionamento do supermercado no bairro de classe média em Nashville — vidro aberto do lado do passageiro, fuzil de assalto carregado — haviam escolhido aleatoriamente uma mulher de meia-idade, em pé ao lado do carro. “Essa aí serve”, pensou o atirador.

Por algum motivo, ele havia errado o alvo, e a bala tinha atingido uma aluna exemplar do sexto ano do ensino fundamental.

Os suspeitos riram do delegado quando finalmente foram presos e levados para a delegacia e quando as acusações contra eles foram lidas. Um deles chegou a ameaçar o policial que os acompanhava, avisando-o de que ele não viveria para vê-los serem julgados.

Soube-se depois que aquele foi o primeiro de três assassinatos cometidos pelos dois rapazes em apenas quatro meses.

Certamente Regina jamais havia sentido dor tão profunda. “Eu me desintegrei”, ela declarou. “Durante um ano, fiquei tão abalada, tão deprimida, que não conseguia fazer nada.”

Cada ano que passava era uma recordação daquilo que ela havia perdido, um esforço para imaginar o que Adriane estaria fazendo, onde estaria indo, como seria se ainda estivesse viva.

Quando Regina fez um pronunciamento público em uma entrevista para o jornal *The Tennessean*¹ em outubro de 2005, dez anos depois do assassinato, reconheceu que jamais entenderia plenamente a razão da morte de sua filha querida. “Mas de uma coisa eu sei. Adriane está no céu, e Deus me deu o poder de dizer algo que jamais imaginei ser possível — ‘*Eu perdoar*’”.

A tristeza da perda a levou a descobrir tudo o que pôde a respeito dos assassinos que tinham tirado a vida de sua filha. Soube que haviam sido educados em ambientes disfuncionais, com famílias fragmentadas e sem bons exemplos.

Chegou até a se tornar parte de uma organização que ministrava a presidiários condenados à morte. Regina se lembra bem da primeira ocasião em que visitou o corredor da morte com um grupo. Enquanto conversava com o diretor da penitenciária, um dos presidiários condenados à pena capital passou por eles, as correntes das pernas tinindo.

Regina viu o rosto dele. Bem diante de seus olhos estava o assassino de Adriane. Imaginou que deveria sentir raiva. Em vez disso, porém, teve pena.

“Meu coração ficou pesado, pois eu orava por aqueles dois rapazes. Pedia a Deus que viessem a conhecê-lo e soubessem que não precisavam ter uma vida infeliz, nem mesmo ali.”

Nem mesmo eles.

Como posso perdoar?

Gostaria de poder lhe dizer que o perdão não exige essa rendição e entrega totais. Na verdade, de certa forma, seria mais fácil nem sequer tocar nesse assunto, pois vivemos tempos em que muitos estão lidando com questões que penetram o mais profundo de seu

¹Leon Alligood, *The Tennessean*, Oct. 17, 2005, seção A, p. 1-2.

ser e, para tais pessoas, manter os outros longe de si parece ser a única esperança de conseguir suportar a dor.

Cônjuges infieis. Pais negligentes e insensíveis. Lembranças dolorosas de abuso sexual. Filhos rebeldes. Parentes cruéis. Figuras de autoridade e padrões dominadores. A lista parece não ter fim.

Ao longo de mais de trinta anos de ministério, encontrei mais dor em corações e relacionamentos do que imaginava ser possível.

Creio que jamais vou me esquecer, por exemplo, de uma mulher que subiu ao palco em um congresso no qual eu era palestrante e relatou a história trágica do assassinato de sua filha por um homem que a observou às escondidas durante meses. Ainda ouço a angústia profunda e a emoção na voz da mãe, em pé ao meu lado diante de centenas de mulheres, enquanto dizia: “Odeio esse homem há catorze anos! Como posso perdoar? *Como posso perdoar?*”.

Lembro-me de outra mulher, em circunstâncias e experiências bem diferentes, que escreveu: “Minha vida cristã está no piloto automático. Por causa de tudo o que sofri, empurrei Deus para fora e agora só cumpro os rituais”.

Também houve uma mulher que compartilhou: “Ano passado, os membros da igreja de meu pai o removeram do cargo de pastor.

*A fim de sermos
autênticos instrumentos
de misericórdia na
vida uns dos outros,
precisamos operar com
base na verdade — a
verdade de Deus.*

Foram injustos e pecaram contra ele. E, em consequência disso, ainda há uma porção de relacionamentos rompidos”. Em seguida, em uma expressão tanto de impotência quanto de um desejo de seu coração, ela perguntou: “Como perdoar uma igreja inteira?”.

Essas injustiças e dores nos deixam de coração apertado. Quando ouvimos histórias desse tipo, temos vontade de dizer: “Se estivesse em seu lugar, sentiria o mesmo”. Nossa tendência natural é desejar que os malfeitores recebam pelo menos uma parcela daquilo que merecem.

No entanto, a fim de sermos autênticos instrumentos de misericórdia na vida uns dos outros, precisamos operar com base na verdade — a verdade de Deus. Não estou falando de uma negação beatífica artificial, que tenta agir como se nada houvesse acontecido. Também não estou falando de palavras e fórmulas rígidas, como se fosse necessário apenas seguir uma receita passo a passo.

Estou falando da doce, rica e pura Palavra de Deus e de seus caminhos, que não são simplesmente sobrepostos de modo superficial ou pouco natural às nossas experiências, mas que pulsam com vitalidade, cura e graça, enquanto Deus traz reconciliação em meio ao caos; enquanto ele restaura, redime e (por fim) renova todas as coisas.

A verdade divina tem força até mesmo para encarar situações em que o pedido de perdão nunca acontece, ou em que ele é impossível em razão de morte ou de alguma outra restrição. Tem força para nos libertar e nos restaurar, de corpo e alma, por meio da dádiva do perdão.

É assim que Deus age.

A mentalidade que predomina em nossa cultura atual (e, com frequência excessiva, no âmbito evangélico também) tolera e até mesmo incentiva nosso ressentimento, nossos relacionamentos rompidos e nossos conflitos não resolvidos. Por vezes, amigos bem-intencionados trilham conosco o caminho do rancor, nos apoiam em nossa decisão obstinada de exigir restituição daqueles que pecaram contra nós e se mostram solidários na pena que sentimos de nós mesmos.

A Palavra de Deus, porém, deixa claro que o rancor tem um alto preço. Não podemos esperar viver em paz com Deus nem experimentar sua bênção em nossa vida se nos recusarmos a perdoar nossos devedores. O rancor sufoca a graça divina e permite que Satanás “leve vantagem sobre nós” (2Co 2.10).

Seu sofrimento não se tornará nem um grama sequer mais leve se você acumular feridas e deixá-las supurar. Pelo contrário, se tornará mais pesado e difícil de carregar.

A empatia pode proporcionar um *alívio* temporário, mas somente o perdão propicia *libertação* duradoura.

Os dentes afiados da amargura

Uma das personagens mais memoráveis de *Great expectations*,² romance clássico de Charles Dickens, é uma mulher idosa e excêntrica chamada srta. Havisham. Quando essa personagem singular aparece na história, é seu aniversário. Muitos anos antes, nesse mesmo dia, ela havia se vestido para seu casamento e esperado o noivo chegar. Às vinte para as nove, porém, recebeu a notícia estarrecedora de que seu noivo fugira com outra mulher e, portanto, não viria para o casamento — nem naquele dia, nem nunca.

Daquele momento em diante, a vida cessou para a srta. Havisham. Todos os relógios da casa foram parados exatamente na hora fatídica: vinte minutos para as nove. As janelas foram fechadas com cortinas pesadas, que impediam a entrada de qualquer claridade em sua casa sombria e cada vez mais suja. A srta. Havisham passou a viver em reclusão com Estella, sua filha adotiva, enquanto o bolo e o banquete de casamento apodreciam sobre a mesa, aranhas levavam embora pedaços da comida e o barulho de ratos correndo por entre as paredes ecoava pela casa.

A imagem mais vívida, porém, é a da noiva abandonada que, desde o momento da tragédia, continuava a trajar o vestido e o véu agora esfarrapados e amarelados, cetim, seda e renda se desfazendo aos poucos.

²Charles Dickens, *Great expectations* (Oxford University Press), p. 82 [edição em português: Charles Dickens, *Grandes esperanças*, tradução de Paulo Henriques Britto (São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012, p. 90)].

Pip, o personagem principal, é convidado a ir à casa da srta. Havisham para brincar com Estella, por quem mais tarde se apaixonaria. Quando ele chega e se espanta com tudo o que vê (*você não sentiria o mesmo?*), a srta. Havisham lhe oferece esta deprimente explicação: “Neste mesmo dia do ano, muito antes de nasceres, este monte de podridão [...] foi trazido aqui. Isso tudo decaiu junto comigo. Os ratos roeram as coisas, e *dentes mais afiados que os dos ratos me roeram*” (grifo da autora)

Aqueles “dentes” eram (e são) as arestas afiadas da amargura, do ressentimento e do rancor. Como punhais que transpassam a carne mais profundamente que garras e presas, destroem aos poucos a alegria, corroem a paz e fecham o coração para a luz da presença de Deus.

Nossa situação talvez não seja tão nitidamente patética quanto a da srta. Havisham. Talvez encontremos maneiras de fugir da dor e nos entorpecer, de prosseguir apesar do ressentimento e até, quem sabe, de manter a aparência de normalidade. Lá no fundo, porém, nosso espírito leva as marcas inconfundíveis desses dentes corrosivos e do cômodo escuro em que escolhemos viver.

O relógio parou em *sua* vida? Houve um momento em que alguém ou algo o magoou e tudo mudou? Talvez você ainda consiga se lembrar do dia, da hora, do ano, da cena, das circunstâncias. Suas esperanças, seus sonhos e sua inocência sentiram o aguilhão afiado da traição e da decepção. Desde então, você tem dedicado sua vida a reaver o que foi perdido e a buscar vingança, seja por meio de ações diretas, seja por meio da sonegação de amor e afeto.

Você sabe muito bem como são esses dentes que vão roendo aos poucos?

Quero lhe dizer que você não precisa viver desse modo. É hora de abrir as cortinas e sair das trevas, ainda que pareça arriscado, ou

O perdão não é um método a ser aprendido, mas, sim, uma verdade a ser vivida.

mesmo impossível. O processo talvez seja doloroso. Mas, além das paredes sombrias e bolorentas da mágoa e da desilusão atrás das quais você se escondeu, há vida e saúde, um mundo inteiramente novo. Deus quer lhe dar graça para prosseguir. Quer libertá-lo.

Uma verdade a ser vivida

Ao longo deste livro, veremos o que é perdão e o que não é; estudaremos o perdão à luz das Escrituras, nos aprofundaremos em suas promessas e desvendaremos alguns de seus mitos. Trataremos especificamente de como perdoar e colocar em prática a graça e a misericórdia de Deus, como ele fez conosco.

Contudo, em lugar nenhum entre os melhores princípios e considerações que eu possa oferecer nem em passagem alguma das Escrituras encontraremos uma palavra mágica ou uma fórmula secreta. O perdão não é um método a ser aprendido, mas, sim, uma verdade a ser vivida. Para a maioria dos leitores, o conceito de perdão não é algo inteiramente desconhecido. É pouco provável que você encontre nestas páginas muitas ou quaisquer revelações profundas e inéditas.

Para a maioria de nós, o problema não é falta de conhecimento acerca do perdão. O problema, como tenho visto em inúmeros casos (mesmo, muitas vezes, em minha própria vida), é que ainda não identificamos nem reconhecemos o rancor dentro de nosso coração, ou simplesmente escolhemos não perdoar.

Ao incentivá-lo a percorrer o caminho do perdão, com todos os seus riscos e todas as suas dificuldades, minha intenção não é sugerir que sua experiência foi menos terrível do que lhe parece. Aquilo que você sofreu é real.

Talvez tenha sido vítima de maus-tratos indescritíveis nas mãos de um parente próximo, de um amigo chegado ou de um desconhecido. Talvez haja partes de sua vida que mal podem ser

tocadas devido a circunstâncias passadas ou presentes que você ainda nem sequer consegue descrever para outros.

Não desejo minimizar nem fazer pouco das experiências que deixaram marcas aflitivas em sua alma. Aliás, embora haja quem diga que é preciso “perdoar e esquecer”, a verdade é que o perdão, em sua forma ideal, exige que você encare quão profundamente foi ferido.

Ao longo da jornada, porém, descobriremos esta verdade difícil, mas restauradora: qualquer que seja o pecado cometido contra você, sua escolha de não perdoar também é um pecado grave. Na verdade, deixar de perdoar muitas vezes causa em sua vida problemas muito piores e mais duradouros que a ofensa sofrida.

Minha oração por você

Senti-me impelida a escrever este livro porque sei que a maioria dos cristãos enfrenta, de uma forma ou de outra, as repercussões do rancor. Ele afeta homens e mulheres, jovens e idosos, casados e solteiros, ricos e pobres.

Pode ser uma reação a afrontas inomináveis que, em alguns casos, se arrastam por décadas, ou a insultos e ofensas que, em comparação, parecem microscópicos, mas que ainda assim causam dor.

Vi o rancor devastar casamentos, igrejas, locais de trabalho e ministérios; eu o vi destruir amizades de longa data.

A ampla experiência de John MacArthur como pastor lhe permite afirmar que “quase todos os problemas pessoais que levam as pessoas a buscar aconselhamento pastoral são relacionados, de algum modo, à questão do perdão”.³ Em outras palavras, esse é um problema *imensa*.

³John MacArthur, *Forgiveness* (Wheaton: Crossway Books, 1998), p. 7.

É possível que, enquanto você lê estas palavras, o ressentimento seja um fogo ardente em seu coração. Ou talvez seja menos intenso, semelhante a uma dor indefinida. Talvez tenha se tornado conhecido e habitual, a ponto de você não se lembrar de como é a vida sem ele. Ou talvez seja tão sutil e velado que você nem o reconheça. Qualquer que seja o caso, não é preciso continuar nessa situação. A decisão de perdoar o levará a iniciar uma jornada rumo à liberdade.

O autor de Hebreus diz: “Cuidado para que ninguém se abstenha da graça de Deus. Que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe e muitos sejam contaminados por meio dela” (Hb 12.15).

Cuidado. Essa é a palavra inspirada de Deus que me leva a percorrer um território no qual eu sei que corro o risco de parecer insensível ou simplista, fria e calejada. Meu desejo sincero é que cada leitor desta obra venha a obter “a graça de Deus”, liberte os reféns que talvez esteja mantendo na prisão de sua mente e de suas emoções e, com isso, também se descubra livre.

Esse é o plano de Deus para você. É o que ele tem de melhor para você. E é a vontade dele para sua vida.

Perdão.

CAPÍTULO 1

SOBREVIVENTES FERIDOS

Não temos dificuldade em falar de perdão quando nunca fomos feridos; mas, quando sofrermos uma ofensa, sabemos que, sem a graça de Deus, é impossível um ser humano perdoar outro.

OSWALD CHAMBERS

Enquanto eu trabalhava neste livro, uma amiga comentou: “Não me identifico muito com o assunto. Não sou de guardar rancor ou amargura”.

Embora talvez seja o caso de alguns, cheguei à conclusão de que o rancor é uma questão muito real para *a maioria* das pessoas, estejam cientes disso ou não. Quase todos têm uma pessoa (ou mais de uma pessoa) que não perdoaram.

Repetidamente vejo comprovações desse fato. Há muitos anos, sempre que falo sobre perdão, depois de defini-lo com base na Bíblia, faço a seguinte pergunta aos presentes: “Quantos de vocês são honestos o suficiente para reconhecer a presença de uma raiz de amargura em seu coração e a existência de uma ou mais pessoas em sua vida — no passado ou no presente — que vocês não perdoaram?”.

Fiz essa pergunta a dezenas de milhares de pessoas, mesmo a convertidos de longa data, líderes de grupos de estudo bíblico e

indivíduos dedicados ao ministério em tempo integral. Qualquer que seja o contexto ou o público, em praticamente todos os casos, entre 80% e 95% dos presentes levantam a mão.

É impressionante que a grande maioria das pessoas que frequentam uma igreja todos os domingos (e muitas que se desiludiram e deixaram de ir à igreja) tem, no mínimo uma semente, senão uma floresta inteira, de rancor no coração.

Em muitos casos, as mãos levantadas revelam corações que continuam feridos, que ainda sangram, sofrem, ouvem as palavras cortantes, sentem as injúrias e não conseguem superar o que aconteceu.

Em outros casos, as mãos levantadas representam corações anestesiados, que se tornaram indiferentes ou distantes e, talvez, cercados de muros para evitar mais sofrimento.

Qualquer que seja a história por trás de cada mão levantada, tenho convicção de que o rancor no coração do povo de Deus não é a exceção, mas a *norma* para a maioria. Talvez as pessoas tenham aprendido a conviver com ele. Talvez estejam “lidando com a situação”. Talvez o mascarem com riso ou o soterrem debaixo de atividades. Mas, quando são honestas consigo mesmas e com Deus, percebem que não vivem em liberdade.

Portanto, embora eu tenha plena consciência de que existem outros bons livros e recursos disponíveis sobre esse tema, continuo a ver o mar de mãos levantadas. Pessoas como você. Penso nos olhos dentro dos quais olhei e nas histórias que ouvi de corações atormentados ou exaustos. E, o que é mais importante, penso em como a vida dessas pessoas poderia ser diferente se os muros fossem derrubados, se escolhessem o caminho para o perdão e se fossem libertas da prisão de mágoa e amargura.

Marcas profundas

Não podemos falar de perdão sem reconhecer a realidade da dor. Se jamais tivéssemos sido magoados, não haveria necessidade de perdoar.

CHEGOU A HORA DE VOLTAR A VIVER! LIBERTE-SE: ESCOLHA O PERDÃO.

TALVEZ VOCÊ AINDA SE LEMBRE do momento exato no qual aquela pessoa em quem você confiava o magoou profundamente, destruindo sonhos e esperanças. Desde esse momento, sua vida parou, foi sabotada por ressentimentos, por desejos de vingança e pela indiferença e insensibilidade. Ou, talvez a dor em seu coração causada por acontecimentos corriqueiros, comuns aos relacionamentos, o deixaram calejado e amargurado.

Neste livro, Nancy DeMoss não oferece fórmulas mágicas para o perdão, mas, sim, princípios bíblicos que podem ajudá-lo a se libertar desses sentimentos. *Escolhendo o perdão* é um convite para que você se aprofunde na Palavra de Deus e assim descubra tanto as promessas quanto os mitos que acompanham o perdão, além de aprender estratégias para pôr em prática a graça e a misericórdia de Deus e desse modo perdoar tendo como referência o perdão que Deus estendeu a nós. Será fácil? De forma alguma. Mas tentar praticar o que este livro ensina pode salvar sua vida.

Escolhendo o perdão traz também um guia de estudo para grupos pequenos com perguntas e reflexões dedicadas ao conteúdo de cada capítulo.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

 /vidanovaedicoes
 @edicoesvidanova
 @edicoesvidanova
 /edicoesvidanova

ISBN 978-85-275-0936-7

9 788527 509367